

## CULTURA É FOGO! Reflexões sobre a conflitividade das questões culturais

### 1. A DIFÍCIL DEFINIÇÃO

Raramente uma palavra chegou a ter tantos significados e definições como a palavra cultura. Há quem conseguiu classificar até 300 definições diferentes. O que nos deixa também com a impressão de que se trata de algo muito complicado e confuso. Quando tantas cabeças pensam tantas coisas diferentes da mesma realidade, é sinal de que é assunto "para quem tem cultura".

Perdão pelo trocadilho que se apoia justamente sobre um dos significados mais difusos e mais reveladores da conflitividade social que a questão cultural carrega. Ter cultura, em nossa sociedade, é ter tido condições de estudar, possibilidades econômicas para frequentar universidades, ter trabalho que privilegia o intelectual, ter entrada nos ambientes que contam... coisa de branco e de rico, afinal, ou pelo menos de classe média. Seguindo estes moldes simbólicos, ter cultura não é coisa de pobre, de negro, de mulher ou de jovem.

Estas primeiras notas já nos abrem os olhos sobre a dominação e a exclusão exercidas pelos grupos de poder na sociedade e sobre o fato de que nenhuma definição de cultura é neutra: ela serve aos interesses de um grupo concreto e é uma arma a mais. Sutil, desconhecida a muitos, invisível. Tanto mais eficaz quanto mais disfarça o alvo principal e consegue desviar o tiro. Os programadores da cultura dominante tentam nos convencer de que *o que você vê é o melhor e é a verdade*, falsificando assim a realidade social conflitiva e injusta na qual vivemos. Ter cultura é pensar como eles, como manda o figurino.

Como simples observador tenho percebido, contudo, que onde há mais confusão sobre o significado e as implicações da

questão cultural é exatamente nas academias, onde se produzem as reflexões, as idéias e os textos. Não há como descobrir o porquê. Provavelmente há vários motivos para isso, não último o fato de que os centros de estudo e as faculdades são o lugar onde se enfrentam o saber oficial e os saberes alternativos ou emergentes.

Mas o que pode ter influenciado mais é toda uma herança de reflexões antropológicas e etnológicas sobre a produção simbólica e os costumes dos povos. Não é este o lugar para uma reflexão detalhada sobre as várias correntes de pensamento antropológico. Baste lembrar que a tendência dominante em muitas delas é explicar a cultura por si mesma e não pelos grupos que a produzem, a transmitem, a modificam, a vivem e, por ela, se comunicam. Daí também uma certa dificuldade nos ambientes teológicos para tratar adequadamente o tema da cultura.

## 2. AS DEFINIÇÕES PARCIAIS

Comblin tem ressaltado, em ocasiões das reflexões que prepararam a Conferência de Santo Domingo, como prevalece nos textos teológicos uma noção de cultura que a considera como um sistema de valores. Uma definição que pertence aos primeiros passos das ciências antropológicas e que *procede de uma filosofia idealista latente, na qual os povos se definem por uma escolha de um sistema de valores e, dessa escolha, derivam as estruturas da vida econômica, política e social.*<sup>1</sup>

Talvez esta visão de cultura, já abandonada pela antropologia, seja ainda a que mais norteia nossa maneira eclesial de pensar. Infelizmente, ela é prejudicial para uma correta compreensão dos fenômenos e das dinâmicas culturais. Passa a imagem de algo que existe autonomamente (o sistema de valores), que pode ser mudado por decisões livres ou artificialmente (discutindo quais valores são os melhores) e que pode ser evangelizado (colocando em primeiro lugar os valores do Evangelho e da Igreja). O que tem a ver necessariamente com especialistas e com a transmissão normativa desses valores. Mais uma vez, coisa de poucos e entendidos.

Nesta perspectiva, é possível falar numa cultura ou civilização da vida e da justiça, em cultura advéncia ou em cultura de morte. Mas, qual é o povo ou o grupo social que está promovendo estas “culturas”? Não se sabe ao certo. Acusam-se o ocaso dos valores, a mentalidade moderna e urbana ou os meios de comunicação social de fomentar comportamentos prejudiciais e filosofias inadequadas e, no caso positivo, fala-se de uma nova mentalidade e costumes que devem reinar a partir do exemplo dos cristãos ou da força intrínseca de bondade e amabilidade

1. José COMBLIN, *Cultura: reflexões a partir do Magistério*. In AA.VV., *Vida, clamor e esperança*. São Paulo. Loyola, 1992, p. 221.

que os valores propostos possuem. Tudo fica tão difuso e impreciso que deixa a impressão de que, apesar de existirem grandes inimigos invisíveis, o que conta é o esforço individual de conversão aos valores cristãos para transformar a cultura de um povo. Moraliza-se o enfoque, pois parecem existir culturas boas e menos boas ou más. E povos, também, mocinhos e bandidos.

Segundo uma visão mais funcionalista da cultura, tudo está bem organizado e é perigoso mexer, até nas coisas mínimas, porque pode estragar o bom andamento das coisas, provocar conflitos ou atingir a pureza de uma cultura. Daí o profundo respeito pelos elementos culturais de um povo. Aparentemente, pois na realidade torna-se preservação das coisas como estão ou como os especialistas em cultura imaginam que deveriam estar. Estes se transformam em zeladores privilegiados da cultura de um povo. Tornam-na um conjunto de objetos de museu e, às vezes, sabem mais da cultura de um povo do que o povo mesmo. Não raro, acontece com missionários e cientistas sociais que sabem o que o povo pensa e quer, como deveriam ser feitas as coisas, como deveria ser uma festa de terreiro ou as casas numa aldeia indígena, ou uma romaria, enfeites e símbolos, ou até como cozinhar o pirão ou uma moqueca autênticos. No fundo se preserva um momento cultural da história, longa, ambígua e dinâmica de um grupo social ou de um povo, idealizando-o. Ou, pior, se preserva uma ordem e um equilíbrio de forças estabelecidos, pois, 'assim funciona'.

É parcial também uma imagem de cultura que a identifica como sistema de símbolos que permitem a comunicação e organizam a convivência de um grupo étnico. Paulo Suess tem evidenciado como isso comporta uma redução da cultura ao ideológico e superestrutural, esvaziando-a de sua dimensão econômica e material.<sup>2</sup> Os promotores de uma nova imagem integral de cultura, que tenha presente não só os valores e a maneira de pensar, mas também os costumes e as tradições, a produção material e as formas de organização de um povo, estão nos ajudando a ampliar o significado que damos à cultura. Infelizmente, nem sempre nos ajudam a perceber que tantas coisas não funcionam bem, que há conflitos e que isso também é cultura.

2. Cf. Paulo SUESS, *Evangelização a partir das culturas*. In AA. VV., *Vida, clamor e esperança*, p. 206ss. Também *Inculturação: desafios, caminhos e metas*. In *REB*, Petrópolis, 49-193, pp. 88-95, mar 1994.

### 3. O LADO NEGATIVO DAS CULTURAS

Ouvimos falar em produção coletiva, em alma ou identidade cultural de um povo, em maneiras diferentes e legítimas de se fazer as mesmas coisas. Mas não ouvimos falar em discriminação, em alienação, em machismo, em marginalização de jovens, crianças e idosos, em violência, etc., como questões também, culturais. Parece como se, no fundo, todo povo fosse bem unido

e uniforme e não houvesse conflitos entre grupos sociais. No máximo, fala-se em culturas dominantes e culturas dominadas, mas não se aprofundam suas contradições internas. As colocações parecem se referir a “sociedades simples” ou à análise dos desencontros entre os povos e servem para resgatar a dignidade dos povos “perdedores”. No pior dos casos, fala-se em “cultura” como se fosse sinônimo de “povo” e se usam expressões ambíguas como: os membros de uma cultura, culturas oprimidas e também culturas que podem ser convertidas ou evangelizadas.

#### 4. DO LUGAR DA EXCLUSÃO

É difícil, para quem reflete sobre cultura, libertar-se destes moldes hermenêuticos que pensam primeiro o produto e depois as pessoas. É também um reflexo de nossa sociedade em que, quem produz: o trabalhador, é afastado do produto de suas mãos que passa a ser autônomo, ter valor próprio e, às vezes, torna-se fetiche almejado e sacralizado, pois é fonte de felicidade. Quando a maioria de nossas relações sociais é regida por esta e por outras alienações, torna-se difícil manter uma reflexão científica e teológica sobre cultura que comece por quem tem consciência de sua opressão e exclusão do convívio social.

Mas é exatamente entre gente pobre e discriminada, tratada como “sem-cultura”, que mais facilmente encontra-se a definição melhor e mais operativa do que é cultura. Em vários encontros com animadores de CEBs, grupos negros ou de mulheres, tenho ouvido expressões de uma simplicidade e precisão desarmante: “Cultura é o jeito de ser, de pensar, de fazer as coisas, de nos organizar, de rezar e de lutar”; “é aquilo que nos faz reconhecer como gente do mesmo grupo e comunidade, diferente dos outros”; “é a tradição que nos une aos antepassados; o que sonhamos e nos faz vencer barreiras e voltar a lutar”; “é também o que nos é imposto, o que sofremos e o que reivindicamos”. Difícil encontrar tudo isso nos livros! Graças a Deus, encontra-se entre os pobres e os outros excluídos e marginalizados do sistema.

Do lugar da exclusão, opressão e discriminação, ouve-se outra verdade e esbarra-se no que é cultura popular: uma sabedoria, não sistematizada segundo as normas do saber oficial, mas bem articulada. Acostumada a ler a vida e a morte, as feridas e as derrotas, as estratégias e os remédios. Uma maneira de saber e de fazer acostumada a lidar com a violência dos mais fortes e suas razões, prudente ao ponto de chegarmos a considerá-la fatalista, mas que lembra que quem fica sozinho não pode nada. E que, antes de lutar, é preciso pensar nas feridas e na morte que podem vir, nos aliados que acompanham até o fim e nas vidas que é preciso proteger, custe o que custar.

As mulheres falam de corpo negado, de violência sexual e afetiva, de abandono e traição, de machismo que exclui e inferioriza. Os negros falam de discriminações e segregação, história, lutas e fé negadas, dominação e branqueamento, até nos altares. Muitos sabem o que é dor e compreendem porque há tantos e tantas que não podem saber, que não lutam, feridos pela exclusão e desemprego, forçados a pensar como o grupo dominador quer que todos pensem. *“Esta resistência cultural é característica da comunidade negra, da mulher negra. No contar a história e as histórias, no cantar, tocar atabaque, jogar capoeira (espaço que vem sendo assumido pelas mulheres), no pentear e trançar cuidadosamente o cabelo umas das outras, no gingado natural que passa de mãe para filha, na agilidade dos pés e de todo o corpo ao dançar e sambar, em tantos outros gestos, é esta cultura que está se firmando e assim permanece imortal”*<sup>3</sup>.

3. AGENTES DE PASTORAL NEGROS, *Mulher negra: resistência e soberania de uma raça*. Petrópolis-São Paulo, Vozes-Quilombo Central, 1990, p. 37.

## 5. A REALIDADE CULTURAL DO POVO

Há sempre mais grupos e pessoas que caminham para uma afirmação de sua identidade: que adquirem, além de uma consciência de classe, uma consciência étnica e sexuada e que analisam as questões culturais a partir da própria condição de excluídos da participação nas decisões, do fazer político e social e até do discurso dos teóricos e teólogos. Para estes grupos, cultura tem sempre a ver com o poder, alienação, trabalho, discriminação, conflitos e exclusão. Por isso, quando reivindicam cidadania, diferenças a seres contempladas e respeitadas, participação plena estão fazendo, reivindicando e resgatando cultura.

O que queremos dizer está bem representado por estas frases de Luiz Alberto Silva dos Santos, militante do MNU-Ba e sindicalista: *Há anos queremos desmascarar a falsidade da expressão ‘povo brasileiro’, pois ainda hoje o negro não pode considerar-se cidadão brasileiro, já que possui menos direitos e oportunidades dos outros. Quando diz ser ‘cidadão brasileiro’ reforça a idéia de que haja realmente igualdade entre todos os brasileiros, legitimando assim uma ordem injusta, criada pelos poderosos. Enquanto descendentes de africanos, reivindicamos outro tipo de cidadania. Antes de tudo queremos ser reconhecidos como povo negro e pedimos que sejam aceitos nossos valores culturais. (...) Queremos que sejam devolvidas as terras que pertenceram por longos anos aos quilombos. Pedimos também que nos seja reconhecido o fundamental direito ao trabalho e à justiça. A polícia não deve tratar-nos de maneira terrorista; pelos policiais o negro é sempre o culpado; muitos abusos são cometidos contra nós e ficam impunes. O direito à cidadania é bem mais amplo do que o direito de votar ou de se locomover.*<sup>4</sup>

4. *LAVORO nero, ricchezza bianca*. Entrevista com G. Cavallini. In *NIGRIZIA*, Verona, 110-2, p. 26, out 1992.

Por todos estes desafios que carrega, *cultura é fogo!*, como ouvi dizer num encontro de CEBs. O que poderíamos traduzir com: os conflitos de ordem cultural são mais profundos porque atingem não só o econômico como toda realidade do ser humano: relações afetivas, os símbolos e os sonhos, a maneira de se situar diante do tempo e a acolhida das pessoas, o jeito de se expressar e de rezar, de se afirmar e participar. Por isso, cultura mexe com tudo, desde a minha identidade à minha maneira de amar, desde o alimento à convivência, desde a dor ao serviço, desde a família ao governo do país.

O VIIIº Encontro Intereclesial de CEBs em Santa Maria, RS, em setembro de 1992, foi um exemplo do que queremos dizer. Na ocasião, frei Betto comentava com alguns teólogos e teólogas que a questão cultural foi uma bomba que explodiu em relação ao palito de fósforo que é a questão da libertação. Uma frase que também representa o fato de sentirmo-nos incapazes de enfrentar a complexidade e as interligações próprias dos conflitos de ordem cultural como o machismo, o racismo ou a discriminação religiosa e étnica. Mas é uma tarefa da qual não podemos esquivar-nos, pois, enfrentar os conflitos culturais, em lugar de enfraquecer os esforços de libertação, os qualifica.

Através do prisma cultural, a dominação vai aparecer em todas as suas artimanhas, ilusões e presas, e a análise das exclusões e discriminações permitirá descobrir outros poderes e explorações. A diversidade cultural e dos grupos sociais nos obrigará a distinguir entre diferenças que se complementam e nos enriquecem e diferenças que provocam rejeições e novas discriminações. O estudo das ideologias e alienações nos ajudará a perceber quanto os conflitos culturais se apoiam em preconceitos e estereótipos e quanto provêm de disputas de poder, prestígio e riqueza de grupos sociais ou étnicos.

Com efeito, a afirmação de uma nova sociedade que respeite diversidades e seja plural nos conduz a repensar concretamente o poder e a participação dos vários grupos, as instituições e organizações, as forças políticas e econômicas, as alianças e as novas ameaças. Hoje mais do que ontem estamos convencidos de que não é mais possível pensar os rumos de uma nova sociedade e de uma nova igreja sem trabalhar os conflitos de ordem cultural, a participação de negros, mulheres, jovens e outros discriminados, sem lutar solidariamente por sua cidadania plena, sem questionar a concentração dos recursos econômicos e dos poderes, inclusive religioso, nas mãos de uns poucos. Atrasar esta luta por justiça ou engajar-se nela também é cultura.

*Heitor Frisotti*

Cx. P. 2521

40022-970 — Salvador, BA